



3 e 4 de dezembro

# III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,  
Gênero e Sexualidade

## A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL

Thaís Farias de Almeida<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto de observações participantes realizadas nos meses de março e abril de 2025 numa escola pública estadual localizada no município de Campina Grande, estado da Paraíba, como parte de uma pesquisa qualitativa que teve o objetivo de identificar os tipos de violência prevalentes naquele ambiente escolar. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFPB, sob o parecer nº 7.405.118, no dia 24 de fevereiro de 2025.

A escola, além de ser um espaço de construção do conhecimento e de socialização, configura-se também como um lugar de convivência entre pessoas diversas. Nesse contexto, distintas visões de mundo, valores, ideias e características individuais compõem a complexa teia das relações interpessoais estabelecidas entre estudantes, professores(as), gestores(as) e demais profissionais da educação.

Essas interações, atravessadas por múltiplas dimensões socioculturais e subjetivas, nem sempre se desenvolvem de maneira harmônica. Quando não mediados e ressignificados, os conflitos emergentes dessas relações podem transformar-se em manifestações de violência, expressas de forma física, verbal e/ou emocional, as quais causam impactos negativos no clima escolar, no bem-estar dos sujeitos e no processo de ensino-aprendizagem, comprometendo, assim, a função social e formativa da escola (Queiroz, 2025).

Deve-se compreender a violência escolar como um fenômeno multidimensional, de práticas, comportamentos e situações que causam danos à integridade física, psicológica, moral e/ou simbólica dos sujeitos pertencentes ao espaço educativo. Inclui-se nesse escopo tanto ações concretas (como agressões verbais, físicas ou atos de vandalismo contra o patrimônio da

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba.

escola) quanto omissões institucionais, como a negligência da gestão escolar perante casos de discriminação e/ou desrespeito entre alunos(as).

Diante da complexidade que envolve a questão da violência nas escolas, a pesquisa científica mostra-se essencial na busca de compreender o fenômeno em sua totalidade, fornecendo subsídios para a formulação de políticas públicas e estratégias educativas voltadas à prevenção, mediação de conflitos e promoção de uma cultura de paz.

## **Objetivo**

Identificar os tipos de violência prevalentes no ambiente escolar a partir de observações participantes.

## **METODOLOGIA**

Foi utilizada a denominada observação participante como técnica de coleta de informações. O(a) pesquisador(a) tem contato com situações cotidianas que os sujeitos da pesquisa estão envolvidos, permitindo-lhe interpretar atos, gestos e atitudes que vão além da fala (Borges *et al*, 2023). Há, portanto, uma inserção do(a) pesquisador(a) no ambiente pesquisado, uma convivência com a comunidade, ao mesmo tempo em que ocorrem suas observações da realidade investigada.

## **RESULTADOS**

Nos primeiros dias de visita à escola, em março de 2025, alguns estudantes, com uma certa curiosidade, estranharam minha presença no local, sendo constantes as perguntas dirigidas a mim sobre se eu era uma nova professora. Por meio de conversas no momento do intervalo, pude ir me apresentando aos(às) alunos(as) como uma pesquisadora que estava estudando a respeito da violência e do *bullying* na escola. Ao perguntar se eles(as) presenciavam situações do tipo no cotidiano escolar, alguns negaram e outros apontaram que sim, relatando os nomes dos estudantes que eram reincidentes nessa prática.

Na escola, grande parte dos(as) discentes apresentam relações conflituosas com os pais. Um fato que me chamou atenção foi que, quando estes são comunicados pela coordenação pedagógica sobre alguma ocorrência negativa do(a) filho(a) na escola, muitos fazem uso da violência física como forma de punição. Em razão disso, a gestão tem tentado buscar soluções próprias para os problemas que surgem no ambiente escolar, sem procurar a intervenção das famílias.

Conforme os(as) professores(as) e a gestão, a presença da violência no âmbito familiar e doméstico dos(as) estudantes pode ser uma das possíveis causas da ocorrência de violência do(a) aluno(a) no contexto escolar, tendo em conta que a família constitui nosso primeiro núcleo socializador. Por outro lado, escutei um adolescente relatar que pratica *bullying* com os colegas e outros atos de indisciplina por sentir prazer em “aparecer” na sala de aula e chamar atenção, fazendo os outros rirem. Além disso, o adolescente mencionou que por ter dificuldade de concentração nas aulas, especialmente as de cunho mais expositivo, acaba agindo no impulso de ir provocar algum colega para se distrair.

No que diz respeito à violência à escola, em especial a sua estrutura, os(as) estudantes são orientados(as) no sentido de que, se forem causados danos ao patrimônio da escola e sua infraestrutura, não serão empreendidos esforços para o Estado substituir o que foi quebrado. Então, o maior prejudicado é o próprio alunado se vier a cometer atos de violência contra a integridade física da escola e não a preservar. Nesse sentido de não causar danos à escola, percebi também uma certa influência da facção que atua no bairro, a qual estabelece a ordem de proteger a instituição de forma integral, tanto em relação aos seus professores e professoras, como a sua infraestrutura e patrimônio.

Os(as) estudantes se relacionam em formato de pequenos grupos e, por isso, é mais comum que membros de grupos que não possuem proximidade se envolvam em casos de violência/*bullying* uns com os outros. É relevante frisar que os comportamentos de um(a) colega causam influência no(a) outro(a), sendo isso mais frequente na prática do *bullying*, em que há um(a) autor(a) e um(a) co-autor(a) dos atos, com este(a) último(a) podendo assumir o papel de espectador(a) ativo(a) ou agir contra a vítima sob a influência do(a) autor(a). Além disso, as vítimas também costumam ser agentes de violência como forma de revidar os(as) agressores(as).

O tipo de violência escolar mais frequente no contexto observado é o *bullying*, em especial no que diz respeito à atribuição de apelidos ofensivos, tendo as vítimas o perfil de serem de etnia negra ou possuírem alguma comorbidade ou deficiência. Dessa forma, ocorrem situações de excluir aquele(a) aluno(a) com deficiência das atividades em grupo, bem como de tratar o(a) colega de sala ou um funcionário da escola de maneira desrespeitosa e depreciá-lo(a) por determinada característica física ou condição, como ter cor de pele negra ou apresentar diagnóstico de autismo.

É notável pelos(as) docentes, e também pude perceber, a presença de injúrias raciais e apelidos que remetem a questões de raça/etnia entre os(as) estudantes. São frequentes apelidos como “macaco” e “chocolate” – foi assim que um aluno se referiu a outro, sendo ambos negros,

quando estava me mostrando as pessoas que conhecia numa foto da turma concluinte do 9º ano do Ensino Fundamental, a qual fica exposta na sala da coordenação.

Em uma visita específica, realizada no dia 25 de abril de 2025, o período de intervalo das aulas foi estendido devido à uma reunião da gestão escolar com os(as) professores(as) e os(as) novos(as) estudantes representantes/líderes das turmas. Em razão disso, pude ter um tempo maior de observação das interações dos(as) alunos(as) no ambiente de convivência da escola. Uma prática comum que pude perceber entre os meninos foi atribuir ao outro uma determinada orientação sexual em forma de brincadeira, apontando o colega como “gay” e “homossexual”. Também foi possível notar atribuições quanto ao gênero, chamando o outro de “transexual”.

Além de temas que envolvem orientação sexual e identidade de gênero, observei que os diálogos são atravessados por questões atinentes ao machismo. Isso porque foram constantes as falas dos adolescentes sobre suas relações com as meninas da comunidade, no sentido de alertarem uns aos outros para não se relacionarem com aquelas que eles já se envolveram, ao mesmo tempo que dizem os nomes dessas meninas que tiveram algum tipo de interação amorosa.

Ao se deparar com casos de violência na escola, a coordenação pedagógica convoca os envolvidos para uma conversa. Em uma visita realizada no dia 13 de março de 2025, pude participar de uma dessas conversas, a qual aconteceu entre as professoras da gestão, dois alunos e uma aluna no ambiente da coordenação pedagógica. Os alunos e a aluna foram chamados até a sala da coordenadora, pois uma colega da mesma turma informou que eles estavam atrapalhando a aula, jogando entre si uma borracha, que acabou atingindo-a.

Pude notar, contudo, que a conversa acabou se tornando uma advertência verbal, com ameaças de ser aplicada uma suspensão e de comunicar o acontecido aos seus respectivos pais ou responsáveis. Segundo a gestão, em alguns casos, se aquele(a) estudante já for muito reincidente em comportamentos de violência e indisciplina, sua transferência é determinada para outra instituição de ensino.

Na conversa que pude participar nesse dia em específico, observei uma forma adultocrata e maniqueísta<sup>2</sup> de a gestão agir perante os conflitos e os casos de indisciplina, no sentido de haver uma imposição para que o(a) adolescente se comporte como um(a) adulto(a) e aja como tal. Nos argumentos utilizados, se fala muito que é uma escolha dele(a) próprio(a)

---

<sup>2</sup> Para Abramovay (2013, p. 231-232), “adultocrata, na medida em que existe uma relação assimétrica e tensa entre adultos e jovens”. Por sua vez, “maniqueísta, ou seja, ao mesmo tempo em que são considerados responsáveis pelo futuro, os jovens são percebidos como irresponsáveis no presente”.

permanecer na indisciplina, praticando *bullying* com os colegas e sem dedicar-se aos estudos. Contudo, parece um tanto simplista e, ao mesmo tempo, atribui um peso ao(a) adolescente colocar que é somente ele(a) escolher mudar.

Ocorre, portanto, uma análise superficial de questões que perpassam esse processo, como: a fase da vida que o(a) adolescente se encontra, o contexto no qual ele(a) está inserido(a), suas dificuldades de aprendizagem, os problemas pessoais que enfrenta, sobretudo no âmbito familiar, e a ausência de exemplos ou estímulos que o(a) incentivem a seguir o caminho dos estudos e que contribuam com a perspectiva de um futuro melhor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ambiente escolar evidencia que a violência está relacionada a fatores comportamentais, familiares, comunitários e institucionais. No cotidiano observado, o *bullying* aparece como o tipo mais comum de violência, com destaque para práticas de discriminação racial, capacitista e de gênero. Ademais, as respostas das figuras de autoridade da instituição tendem a ser punitivas e centradas em uma lógica adultocrata, sem considerar as especificidades das juventudes.

Esse contexto aponta para a necessidade de abordagens educativas com perspectivas dialógicas, de escuta ativa e corresponsabilidade, que envolvam educação emocional, mediação de conflitos, fortalecimento de vínculos e formação docente para o manejo de situações complexas. Faz-se relevante, portanto, discutir com os(as) estudantes a respeito de temas como valores de inclusão social, heterogeneidade e tolerância, como também neutralizar os processos de rotulagem e estigma na escola.

## **REFERÊNCIAS**

ABRAMOVAY, Miriam. Juventudes e violências nas escolas. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, n. 29, p. 229-250, 2013.

BORGES, Jacqueline Florindo *et al.* **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa**. Governo Federal: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate À Fome, 2023.

QUEIROZ, Christina. Violência escolar aumenta nos últimos 10 anos no Brasil. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 350, p. 13-21, 2025.